

Brasil vive dilema de devedor

O dilema enfrentado hoje pelo Brasil, de abrir mais a economia, é exatamente a situação de um consumidor com dinheiro contado (no caso dólares) para pagar suas dívidas (com credores externos) e que não vai ter como aumentar suas compras (importações) sem conseguir crédito (empréstimos). Empolgação demais, adquirindo produtos estrangeiros além das possibilidades de sua poupança, terminaria colocando esse comprador em uma situação muito pior que simplesmente a de passar à lista do Serviço de Proteção ao Crédito, o SPC, por falta de pagamentos.

Este é o quadro que se tira a partir de análises em linguagem muito mais técnica de especialistas do Instituto de Planejamento Econômico e Social, o Ipea, do Ministério do Planejamento, autor de boa parte dos estudos que com frequência são encaminhados à equipe econômica. Pelas contas desses técnicos, é bem nebulosa a perspectiva brasileira de recursos que não sejam de empréstimos externos. Na verdade, as previsões do Ipea dizem que de janeiro a março as exportações do país vão gerar uma folga inferior a US\$ 1,9 bilhão sobre as importações. Ou seja, o país vai conseguir no primeiro trimestre deste ano o que foi fácil arrecadar em apenas um mês de 1989. E isto indica uma queda de mais da metade do que se conseguiu no mesmo período do ano passado.

Expectativa — As importações aumentam e as exportações diminuem pelo mesmo motivo: a expectativa de

uma maxidesvalorização do cruzado novo frente ao dólar, pelo novo governo, um ajuste que modifica por completo qualquer programação das empresas no comércio exterior. As reservas do país em dólares, em março, chegariam pouquíssimo acima dos US\$ 7,1 bilhões de juros atrasados previstos para aquele mês. Uma máxi aumenta o valor das vendas brasileiras, mas também eleva o peso das importações.

Aí, não adianta também esperar que a simples iniciativa de pagar menos dividas sirva para resolver os problemas do *bolso* do país. A assessoria econômica do governo Collor de Mello vem anunciando que o Brasil não vai pagar mais do que US\$ 5 bilhões de juros por ano, aos credores. Mas os técnicos do Ipea lembram que em 1989, mesmo com o governo brasileiro deixando de pagar aos bancos privados por quase seis meses, ainda devem ter sido enviados para o exterior US\$ 10,3 bilhões (para pagar credores como o FMI, por exemplo). Além disso, pagar menos juros sem receber mais empréstimos não dá para se pensar em mais importações.

“Não há como se pensar em aumentar muito as exportações, porque o espaço no comércio mundial tem um limite. Será preciso fazer uma renegociação da dívida externa que permita não só a redução dos juros, mas também viabilize a liberação de novos empréstimos para o país. Por isso é que a abertura da economia tem de ser gradual”, acrescentam os especialistas.